
(Eco)semiosfera: aparatos da Semiótica da Cultura para se pensar o Antropoceno¹

Arthur Walber VIANA²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O objetivo do artigo é discutir o conceito de (eco)semiosfera e vinculá-lo, especulativamente, a estudos sobre o Antropoceno e sobre a crise climática contemporânea. Primeiro, situamos o conceito de semiosfera conforme desenvolvido por Iuri Lotman, inspirado pela biosfera de Vladimir Vernadsky. Em seguida, adentramos a proposta de ecosemiosfera desenvolvida por Timo Maran, que ressalta os aspectos territorializados das culturas e seus elos com o ambiente planetário, relacionando-a aos temas em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica da Cultura; Semiosfera; Ecosemiosfera; Crise Climática; Antropoceno.

Introdução

Pretendemos, neste artigo, posicionar o conceito de semiosfera – em especial a sua derivação (*eco*)semiosfera – como uma ferramenta profícua para reflexões acerca do Antropoceno e da crise climática contemporânea. Para tanto, apresentamos, brevemente, a origem do conceito de *semiosfera*, inaugurado por Lotman em 1984 (Lotman, 2005); suas vinculações com a *biosfera* e a *noosfera* de Vernadsky (1945); e a elaboração do conceito de *eco*semiosfera³ (Maran, 2021), cujo propósito é vincular, de maneira mais enfática, bio-, noo- e semio-, ressaltando os aspectos territorializados das culturas e seus elos com o ambiente planetário.

De início, relembramos que a semiosfera lotmaniana faz referência a um espaço imaterial – um *continuum semiótico* – em que sistemas culturais, a partir de suas semânticas distintas, engajam-se em permanentes processos de tradução uns com os outros, gerando sentido e se reestruturando a partir do que incorporam de seu espaço externo. Por seu caráter espacializado, a concepção da semiosfera amplia a visualidade da composição de uma cultura, sua morfologia; e, para além disso, faz mais fácil a percepção das trocas informativas entre diferentes sistemas, evidenciando a

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no PPGCOM/UFRGS, email: arthurwalber@gmail.com.

³ Uma ressalva inicial: preferimos, ao escrever (eco)semiosfera, utilizar “eco” entre parênteses. O intuito é evidenciar a memória lotmaniana e o desenvolvimento complexo do conceito de semiosfera ao longo das últimas décadas.

processualidade que se sucede neste trânsito⁴, com cada sistema expressando, nas formas que dá ao que traduz, sua peculiaridade. Em consequência, o conceito de semiosfera dá a ver tanto a estrutura quanto os processos estruturantes das culturas, e as alterações em ambos ao longo do tempo, evidenciando uma dimensão sincrônica (atual) e diacrônica (histórica, processual).

Biosfera, noosfera, semiosfera

Em sua elaboração inicial da semiosfera, Lotman inspirou-se no conceito de biosfera desenvolvido por Vladimir Vernadsky (1945), que se refere, muito resumidamente, ao “fino tecido” que cobre todo o planeta e que constitui o espaço no qual se dá as relações químicas, físicas e biológicas que possibilitam a emergência da vida. Frise-se: a biosfera *possibilita a vida*, o que significa que ela a antecede em suas expressões concretas, sendo a própria condição para que estas surjam. Lotman expande a noção para que abarque também uma dimensão simbólica – da mesma forma essencial para a vida. Tanto na biosfera quanto na semiosfera, o todo antecede a expressão de particularidades, sendo a própria condição para suas emergências. Na perspectiva de Vernadsky (e, conseqüentemente, na de Lotman) há, aí, um sentido evolutivo: toda nova expressão de vida é precedida de outra expressão de vida, que necessariamente criou as condições e oportunidades para que esta nova forma se manifestasse; tal qual com os signos, sempre precedidos por outros signos⁵.

O que Vernadsky quis dizer com a biosfera, então, não é a “vida” como uma propriedade metafísica dos organismos individuais, uma ideia que remonta ao conceito religioso da alma, mas sim a matéria viva como um sistema – toda a vida, tomada como um todo, juntamente com suas interconexões, tanto sincrônicas (a complexa teia da vida) quanto diacrônicas (a árvore evolutiva da vida) (Hartley; Ibrus; Ojamaa, 2020, p.20, tradução nossa).

A semiosfera, portanto, antecede as expressões culturais oriundas de cada um dos sistemas que a ocupam; antes, é a própria condição de existência para estas

⁴ Seria mais correto afirmar não se tratar de mero “trânsito”, mas sim da transformação e da apropriação dos textos de sistemas culturais adjacentes, que passam a compor o repertório deste sistema. Afinal, ao ser traduzido de uma cultura a outra, um texto não deixa de existir no sistema anterior; antes, passam a existir dois textos, modelizados por sistemas diversos. O que há, então, é a proliferação de textos culturais, que se diferenciam uns dos outros a partir dos múltiplos processos de tradução semióticos por que passam.

⁵ Há aqui ressonâncias com o sinequismo peirceano. Embora normalmente associado à tradição semiológica saussuriana, existem aproximações possíveis e interessantes entre Lotman e Peirce. Roman Jakobson foi um importante tradutor do pragmatismo peirceano para o contexto soviético da época, em especial para o Círculo Linguístico de Praga, a partir dos anos 1950 (Winner, 2013); o mesmo Jakobson e o formalismo russo são influências fortes para a Escola de Tartu-Moscú, em especial em relação a processos tradutórios: para ele, o sentido de qualquer signo linguístico está na sua tradução para algum outro signo alternativo. Ou seja, está na relação entre duas linguagens – mais que isso, *entre duas lógicas distintas de estruturar a linguagem*. Aproximações e distanciamentos entre Lotman e Peirce são melhor discutidos em Cardoso; Junior (2018); e Nakagawa; Cardoso (2020).

especificidades. Há um todo que não apenas resulta da soma de suas partes, mas que também influencia as formas que as partes poderão assumir. Cada expressão particular emerge de um ponto específico da semiosfera, fruto de entrecruzamentos entre múltiplas linguagens. Destes atravessamentos que poderá irromper um novo jeito de dizer o mundo, diferente dos sistemas que se encontraram e o compuseram, posto que feito de recortes, adaptações e rearticulações (dizendo melhor o que recém dissemos acima, as linguagens decorrem de – partes de – outras linguagens).

Junto à biosfera, Vernadsky também propôs o conceito de noosfera. É importante distingui-lo da semiosfera, uma vez que a noosfera é descrita, de forma similar, como uma *esfera do pensamento, da razão e da inteligência*. Contudo, é uma conceituação vinculada à materialidade da ação intelectual no mundo. A semiosfera, a sua vez, possui este aspecto imaterial, o que lhe confere uma competência metodológica de descrição de uma cultura e de seus processos dinâmicos transformativos; auxilia, assim, na compreensão dos movimentos que geram textos concretos no tecido cultural. Com a semiosfera, é possível analisar não apenas o que factualmente existe, mas as forças que agiram para que assim fosse; e também o que poderia ter sido e todas as forças que, mesmo que não tenham concretizado sua potência, ainda assim influenciaram a constituição de determinado estado de coisas. Para Vernadsky, a noosfera não presume tal abstração: “Essas esferas [biosfera e noosfera] não foram concebidas como metáforas: Vernadsky procurou descrevê-las como estratos biogeoquímicos do sistema terrestre” (Hartley; Ibrus; Ojamaa, 2020, p.14, tradução nossa). Nas próprias palavras de Vernadsky (1945, p.9, tradução nossa), a noosfera era “[...] um novo fenômeno geológico em nosso planeta”.

Com a semiosfera, Lotman parece recusar a separação entre ações “intelectuais” e “naturais”, uma barreira entre noo- e bio-. Afinal, homens e mulheres agem em seus ambientes a partir do que são capazes tendo como base as culturas pelas quais são atravessados; ao mesmo tempo, o ambiente agirá neles, modelizando também a cultura que depois o impacta. Esta retroalimentação afasta a ideia de cultura e natureza como pólos opostos, expondo suas interdependências. Para Lotman, a semiosfera engloba a biosfera, que, a sua vez, engloba a semiosfera: um é *coextensivo* ao outro, usando o termo de Anton Markoš (2014). Ou seja: não há separação da vida orgânica e do pensamento. Um age no – e a partir do – outro. Um é outro: Kull (1998, p.366, grifo e tradução nossos) expressa isso em seu paroxismo ao afirmar que “nossa natureza é a

cultura”. A relação entre ambiente natural e cultura, aliás, foi sempre central nos debates da Escola de Tartu-Moscou (ETM), berço do que se convencionou chamar Semiótica da Cultura:

[...] tomaram [os integrantes da ETM] por tarefa o estudo da linguagem na cultura. E esse é um outro problema. Se linguagem ocorre em escalas que estão além do processo de interação social, isto é, que abarcam o bio, o cosmos, o semion, não há como fechar a cultura no socius. Entender a interação entre natureza e cultura é, de fato, o grande problema para a abordagem semiótica da cultura de extração russa (Machado, 2003, p.25).

(Eco)semiosfera: ferramenta para pensar o Antropoceno

É inserido neste debate que Maran (2021) aprofundará a noção de ecosemiosfera, gesto conceitual que busca agregar semio-, noo- e bio- em um único nome.

Em resumo, podemos descrever a ecosemiosfera como um sistema semiótico que abrange todas as espécies com seus *umwelts*⁶ e as diversas relações semióticas (incluindo os humanos com suas culturas) que elas têm no ecossistema em questão, bem como as estruturas de suporte material que permitem à ecosemiosfera prosperar (Maran, 2021, n.p., tradução nossa).

É uma noção vinculada ao desenvolvimento de uma *ecosemiótica*, “[...] estudo dos aspectos semióticos das relações humanas com a natureza e, em conexão com isso, das relações semióticas nos ecossistemas e na biosfera” (Kull; Maran, 2022, p.469). Produz-se aí uma espécie de “ponte” entre a semiótica cultural e a biosemiótica, o que nos parece uma proposta interessante, uma vez que, deste espaço abstrato onde ocorrem os relacionamentos entre diferentes sistemas de signos, decorrem os sentidos que direcionarão a ação das culturas e, por consequência, impactarão de algum modo a biosfera, o ambiente natural onde a vida se materializa. Isso é dizer que as formas que a vida toma são consequência de processos de significação – da semiose – que ocorrem no ambiente da (eco)semiosfera. Livre da oposição entre os sistemas de signos e os sistemas biológicos, físicos e químicos, a perspectiva ecosemiótica ressalta que a discussão a respeito da semiosfera e das culturas que a ocupam é radicalmente vinculada aos vários modos de habitar o planeta, mais ou menos destrutivos.

Considerações parciais

⁶ “Umwelt” é um conceito desenvolvido pelo biólogo Jakob von Uexküll, mais tarde apropriado pela semiótica, em especial pelo sub-campo da biosemiótica. Deely (2004) aprofunda as formas como se deram esta apropriação e desenvolve o conceito em uma perspectiva semiótica.

É neste sentido que, em nosso entendimento, a (eco)semiosfera aflora como uma ferramenta potente para discussões contemporâneas sobre o Antropoceno – época geológica marcada pelo impacto das atividades humanas na Terra; e sobre a crise climática contemporânea, agravada pelos modos de produção capitalistas, fundados no extrativismo e na monocultura, cujos efeitos práticos já estão sendo testemunhados em diversas partes do planeta (e com maior ênfase nas regiões periféricas do Sul Global [Mendes *et al.*, 2020]).

Hartley, Ibrus e Ojamaa (2020, p.11, tradução nossa) realizam estudo apontando esta direção:

O “espaço semiótico” tem uma extensão planetária. Queremos situá-lo dentro do ambiente maior do sistema terrestre. Para fazer isso, começamos onde o próprio Lotman começou: ele desenvolveu a ideia da semiosfera a partir do conceito de biosfera de Vladimir Vernadsky. Argumentamos que isso não foi apenas um empréstimo subsidiário ou uma apropriação metafórica do trabalho de Vernadsky, mas uma reconceituação radical que coloca a comunicação (tradução entre códigos incomensuráveis) e a cultura (grupos que criam e compartilham conhecimento) no coração dos processos de vida.

E já Vernadsky (1945, p.9, grifo e tradução nossos), em sua elaboração inicial sobre a noosfera, parecia antecipar tal debate, afirmando o homem como “força geológica”:

Nela [noosfera] *pela primeira vez o homem se torna uma força geológica em larga escala*. Ele pode e deve reconstruir a província de sua vida pelo seu trabalho e pensamento, reconstruí-la radicalmente em comparação com o passado. Possibilidades criativas cada vez maiores se abrem diante dele. Pode ser que a geração de nossos netos se aproxime do seu florescimento.⁷

O conceito de (eco)semiosfera, por fim, produz este *vínculo forte* entre os aspectos simbólicos e naturais-concretos do planeta, evidenciando suas interdependências. Com isso, ajuda-nos a entender a coextensão entre práticas culturais e alterações no equilíbrio planetário, o humano representando uma cultura entre várias (em que pese ser a mais danosa, potencialmente).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, T. de S.; JUNIOR, C. M. P. B. Semiose em Peirce e Lotman. **Eikon**, [s. l.], n. 4, 2018. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/eikon/article/view/422>. Acesso em: 24 jun. 2024.

⁷ Sobre o otimismo de Vernadsky com o futuro – nosso presente hoje –, ao que tudo indica frustrado, não teceremos comentários aqui.

DEELY, J. Semiotics and Jakob von Uexküll's concept of umwelt. **Sign Systems Studies**, [s. l.], v. 32, n. 1/2, p. 11–34, 2004.

HARTLEY, J.; IBRUS, I.; OJAMAA, M. **On the Digital Semiosphere: Culture, Media and Science for the Anthropocene**. London, UK: Bloomsbury Publishing, 2020.

KULL, K. Semiotic ecology: different nature in the semiosphere. **Sign Systems Studies**, [s. l.], v. 26, p. 344–371, 1998.

KULL, K.; MARAN, T. Juri Lotman and life sciences. *In: THE COMPANION TO JURI LOTMAN: A SEMIOTIC THEORY OF CULTURE*. London, UK: Bloomsbury, 2022.

LOTMAN, J. On the semiosphere. **Sign Systems Studies**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 205–229, 2005.

MACHADO, I. **Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscú para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MARAN, T. The Ecosemiosphere is a Grounded Semiosphere. A Lotmanian Conceptualization of Cultural-Ecological Systems. **Biosemiotics**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 519–530, 2021.

MARKOŠ, A. Biosphere as semiosphere: Variations on Lotman. **Sign Systems Studies**, [s. l.], v. 42, n. 4, p. 487–498, 2014.

NAKAGAWA, R. M. de O.; CARDOSO, T. de S. Epistemologia semiótica e a questão do observador em Peirce e Lotman. **Estudos Semióticos**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 112–132, 2020.

VERNADSKY, V. The biosphere and the noösphere. **American Scientist**, [s. l.], v. 33, n. 1, 1945. Disponível em: Acesso em: 19 jun. 2024.

WINNER, I. P. **Semiotics of culture and beyond**. New York: Peter Lang Publishing, 2013.